

## PEDRA DO INGÁ – *histórias e mistérios*

### *A propósito de uma visita*

Wilberto Trigueiro

Membro titular da Academia Paraibana de Medicina – cadeira nº 37

*“Todo vestígio antigo deixado pelo homem na sua passagem pela terra constitui um sítio arqueológico. As pinturas e gravuras rupestres – a denominada arte rupestre – são sítios arqueológicos”*

Ruth Trindade de Almeida - arqueóloga paraibana

Dentre os mais de 500 sítios com inscrições rupestres já catalogados no estado da Paraíba e distribuídos em várias cidades, o Sítio Arqueológico Itacoatiaras de Ingá, localizado na zona rural do aludido município, tornou-se famoso por ser considerado um dos mais importantes do país e ter sido tombado em 1944 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Ressalte-se que foi o primeiro monumento de arte rupestre a ser protegido por esse órgão do governo federal.

O termo Itacoatiara é originário da língua Tupi-Guarani e significa escrita ou desenho na pedra; no Brasil, vem sendo utilizado como sinônimo para a expressão “gravura rupestre”. Com quase 50 metros de comprimento e pouco mais que três de altura, a pedra do Ingá é uma imponente rocha de composição granítica que lhe confere uma resistência peculiar ao longo do tempo. Gabriela Martin, pesquisadora da UFPE, em 2008, observou: “Nenhum sítio pré-histórico com pinturas ou gravuras rupestres, em todo o Brasil, atraiu tantas pessoas dispostas a opinar e decifrar, como a Pedra do Ingá, cujo impacto visual impressiona os leigos e desafia a arqueologia” (Fig 1). A referida pedra que se encontra à frente do instável riacho Bacamarte, pode ter seus baixos relevos encobertos pela água durante o inverno ou mesmo ficar totalmente submersa, conforme ocorreu em 2011, após uma grande intensidade das chuvas.

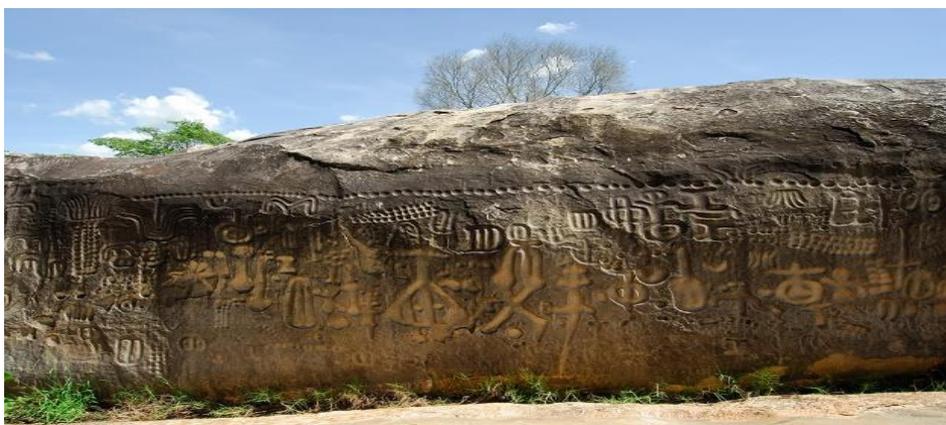


Fig 1 - Pedra do Ingá e inscrições rupestres

As informações supracitadas me incentivaram a conhecê-la, mesmo sabendo da sua existência desde a época de estudante e situar-se apenas a menos de cem km da cidade de João Pessoa, onde resido. Somente em agosto deste ano, tomei a decisão de pegar a estrada para vê-la em todos os seus detalhes. Seguindo pela BR-230 no caminho para Campina Grande, segunda principal cidade da Paraíba, não observei qualquer tipo de sinalização do destino a que me dirigia. Ao lá chegar, no meio da manhã, avistei na entrada do sítio arqueológico uma antiga casa que abriga o Museu de História Natural (Fig 2) onde fui recepcionado pelo Senhor Walter Mário Goes da Luz, conhecido como Vavá da Luz (Fig 3), secretário de Turismo de Ingá. Logo descreveu sobre a história do local, enquanto exibia fotos, ilustrações e fósseis de animais pré-históricos que existiram na região (Fig 4 e 5). Sempre solícito, explicou que o sítio futuramente ocupará uma área de 40 hectares em um projeto já aprovado pelo governo estadual, a fim de transformá-lo em Parque Arqueológico da Paraíba, o qual disporá de estrutura diferenciada para receber turistas e pesquisadores. Todavia, entraves burocráticos estão dificultando a viabilização da obra”. Ele complementou: “transformamos aqui um turismo de lazer em turismo pedagógico. Recebemos diariamente, durante o período letivo, dois ou três ônibus com alunos da Paraíba e de estados vizinhos...a falta de investimento público aliada à pouca divulgação, contribuem para uma diminuição crescente do turismo local.”



Fig 2- Aspecto externo do Museu



Fig 3 – o autor com seu Vavá da Luz (de boné)



Fig 4 - Aspecto interno do Museu



Fig 5 – Aspecto interno do Museu

Dentre as inúmeras ilustrações harmoniosas e artísticas presentes no monumento, destacam-se imagens geometrizadas de seres humanos, animais, plantas e símbolos abstratos de língua antiga, as quais instigam pesquisadores a decifrá-los e descobrirem suas origens e, por conseguinte, despertam o interesse de arqueólogos, antropólogos e especialistas em linguística. Acredita-se que as artes na pedra do Ingá tenham sido esculpidas por civilizações que habitaram a região em torno de 6 mil anos atrás, muito embora haja controvérsia quanto a esta datação, pois alguns estudiosos afirmam que as inscrições não se encaixam nos padrões conhecidos de arte rupestre da região.

A título de curiosidade, acredita-se que foi no período Paleolítico Superior (50.000 a.C. a 10.000 a.C.) que as ferramentas metálicas utilizadas pelo homem passaram a ser elaboradas em grande diversidade, registrando nas pedras possíveis anotações para os descendentes. A arte rupestre representa a mais antiga forma de manifestação artística humana encontrada no interior de grutas, cavernas e superfícies rochosas. Segundo o professor norte-rio-grandense José Ozildo dos Santos, a primeira referência sobre a arte rupestre no Brasil, nos foi dada por Ambrósio Fernandes Brandão em seu livro *Diálogos das Grandezas do Brasil*, escrito em 1618. “Trata-se de pinturas e gravuras situadas em terras paraibanas, cujas informações foram fornecidas ao autor por Feliciano Coelho de Carvalho, capitão-mor da Capitania da Paraíba.”

Outros registros sobre a pedra do Ingá datam do século XIX, consignadas pelo ex-diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, botânico Ladislau de Souza Mello Neto (1838-1894), os quais vieram a ser acrescidos de posteriores observações dos professores Gabriel Soares e Iole de Freitas Drummond, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No século XIX, o pintor francês Jean Baptiste Debret, conhecido por suas obras que retratam a vida, a cultura e a sociedade brasileira, visitou e pintou a referida pedra durante o período que viveu no Brasil.

Existem diversas teorias para interpretar suas ilustrações rupestres, que vão desde uma representação simbólica de rituais religiosos a possível forma de comunicação visual ou até mesmo de observações espaciais. Tais fatos têm sido objeto de pesquisadores há muitos anos, e diversas hipóteses foram levantadas para explicar sua origem e significado. Alguns acreditam que foram feitas por povos indígenas que habitaram a região há milhares de anos e que podem representar aspectos da cultura e crenças dessas comunidades. Outros argumentam terem sido originárias da civilização pré-colombiana, anterior à chegada dos europeus à região, pois existem semelhanças entre as figuras gravadas na Pedra do Ingá e as encontradas em outros sítios arqueológicos da América do Sul. Alguns observadores indicam semelhanças com a escrita fenícia e, no século passado, o padre Inácio Rolim, professor de teologia, grego e outros idiomas, reconheceu no conteúdo artístico, letras do alfabeto fenício. A pesquisadora Fernanda Palmeira, no seu livro *História Antiga do Brasil*, do início do século XX, ao percorrer várias regiões do sertão do Nordeste, associou glifos rupestres de Ingá aos fenícios e à escrita demótica egípcia.

Leon Clerot, arqueólogo paraibano, foi o primeiro a atribuir a autoria dos petróglifos da Pedra do Ingá aos índios Cariri, sendo corroborado pela arqueóloga Gabriela Martin. Para o professor da UEPB, Juvandi de Souza Santos, por conta da antiguidade dos desenhos, os mentores dos apontamentos não foram os mesmos povos indígenas tupis e cariris que os conquistadores europeus encontraram naquela área. Ele complementa: “Muito provavelmente, os grupos humanos que fizeram dizeres na Pedra do Ingá foram sendo extintos, por fome, seca, guerras... aqueles grupos sumiram e outros, oriundos de outras regiões, migraram para cá”. Arqueólogos, como Dennis Mota e Vanderley de Brito, acreditam que os impressos tenham sido produzidos ao longo de gerações por comunidades seminômades em passagens mais prolongadas na região. O médico Arnaldo Tavares, no final da década do século XX, sugeriu ser a Pedra do Ingá um epifenômeno de muitas itacoatiaras.

A pedra é também cercada por lendas e mitos. Uma das mais conhecidas é a lenda do "ouro do Padre Lourenço". De acordo com a história, um padre jesuíta chamado Lourenço de Carvalho teria escondido um tesouro na pedra de Ingá, mas até hoje ele nunca foi encontrado. Essa história atraiu a atenção de muitos caçadores de tesouros que já tentaram desvendar esse enigma, sem sucesso.

Como o mistério está envolto na origem dos esculpes da Pedra do Ingá, o ufologista Cláudio Quintans conjecturou que naves alienígenas teriam pousado na região. O jornalista e teatrólogo Gilvan de Brito, no seu livro *Viagem ao Desconhecido*, levanta suposição que seriam resultantes de fórmulas de produção de energia quântica e até combinações matemáticas que poderiam apontar a distância entre a Terra e a Lua.

Apesar de tantas suposições e inúmeros estudos, até hoje não foi possível afirmar de forma conclusiva quem foram os artífices dos sinais gráficos e quais as motivações da famosa Pedra conter inúmeros e refinados detalhes.

A Itacoatiara do Ingá tem sofrido ao longo do tempo atos de vandalismo e depredação com arranhões e golpes de faca, além de ser alvo de caçadores locais praticando tiro ao alvo. Tem havido intervenções do IPHAN e do Ministério Público com o propósito de conter invasores que tentam delapidar o patrimônio histórico. Leon Clerot, em 1953, relatou destruição de partes significativas das gravuras do suporte rochoso.

É necessário ressaltar que a preservação do relevante monumento exige um contínuo comprometimento de diversos atores, incluindo o governo, instituições e da comunidade local. Urge, no momento, uma pronta conservação da área deste conhecido Sítio arqueológico, salientando que o espaço destinado ao Museu, que ora dispõe de uma pequena sala para venda de artesanatos e alguns livros, merece ser ampliado e dotado de melhores instalações com o sentido de oferecer o merecido conforto aos visitantes.

Finalizando, a Pedra do Ingá é um importante vestígio do passado do Brasil e da história da humanidade. Suas inscrições milenares continuam sendo um mistério, avivando a fértil imaginação e interesse dos estudiosos e turistas. Cada pesquisador traz consigo as próprias hipóteses e interpretações com base nos seus estudos e análise comparativa com outros parques de arte similar, no intuito de desvendar os segredos dessa lendária rocha.

#### BIBIOGRAFIA RECOMENDADA

- AZEVEDO Netto, Arqueologia: Estudos e Pesquisas. João Pessoa: Ideia, 2008.
- BRITO, Vanderley:A Pedra do Ingá - Itacoatiaras na Paraíba. 8ª edição, Campina Grande. Universidade Federal de Campina Grande -Pb.
- FERNANDES, Almair de Albuquerque: A arte rupestre na Paraíba, um estudo sobre sítio arqueológico na Paraíba. UFCG, 2012.
- Itacoatiaras do Rio Ingá (PB): Página na internet do IPHAN.



REVISTA APMED – ISSN 2965-4262

---

Volume 2 - Número 2 - dezembro de 2023